

Fernando de Castro Branco

Estrelas Mínimas

Labirinto

A expressão lírica de Fernando de Castro Branco atinge no seu novo livro, *Estrelas Mínimas*, uma vibração relevante, em particular pela qualidade semântica: “Naquele tempo, pouco dizia o meu avô ao seu discípulo. / Uma ou outra palavra que encaminhasse o gesto largo / ao coração das manhãs. (...) / Um dia, parti. Fui calado estrada fora / e durante muito tempo mal pude olhar para trás. / O meu avô, ao abrigo do umbral, parecia pensativo, / preparava a tempo a visita do Inverno, / que comigo ia todo o seu Verão.” É nesta aguda representação do tempo e do lugar e da relação mais funda com os afectos que o poeta desdobra signos e convoca-nos para a matriz da sua poética, a de um olhar firme em torno da vertigem do ser.

Há melancolia na poesia de Castro Branco, nasce de um mundo rural rasurado e sofre essa inquietação, mas neste *Estrelas Mínimas* existe uma consciência do poema enquanto (também) linguagem transformadora, esteticamente depurada, e dá-se assim a transmutação de significados. Os invernos, o “sol intruso”, os silêncios, as solidões deixam de pertencer a um sítio e às suas circunstâncias para assumirem a dimensão total do homem nascido para a morte que, no entanto, demanda sempre “gestos mínimos” de modo a que o inverno “não ocupe todo o espaço da enxurrada.” Até porque, mesmo sendo tarde para “mudar de casa”, talvez se possa ainda ouvir “o riso de um anjo sobre a mesa de jogo”.